

A ACADEMIA  
DO  
LYCEU CENTRAL DE BRAGA

CONSAGRA AOS HEROES DE 1640

INDEPENDENCIA

(Numero unico)

NO 1.º DE DEZEMBRO DE 1896



Braga

Typ. de José Maria de Souza Cruz

RUA NOVA DE SOUZA, 104





# INDEPENDENCIA

JORNAL CONSAGRADO

AOS HEROES DE 1640





BRAGA

TIPOGRAPHIA DE JOSÉ MARIA DE SOUZA CRUZ

1896



# RESTAURAÇÃO PORTUGUEZA

«..... nome ufano  
do bellicoso reino lusitano»

CAMÕES — C. III E. XXVI — *Lusiadas*.



ão é por menoscabo da nossa vizinha His-  
panha, a quem o CAMÕES nos *Lusiadas*,  
(CANT. III. EST. XVII), appellida com en-  
thusiasmo :

«..... a nobre Hispanha  
..... cabeça . . . d'Europa toda,  
em cujo senhorio e gloria estranha  
muitas voltas tem dado a fatal roda ;

que hoje entre nós é solemnizado o anniversario do  
dia 1 de Dezembro de 1640, como data heroica da  
revindicação da nossa autonomia patria.

E' como desfôrço e protesto contra os vexames e ex-  
torsões, as vilanias e gravames, as arbitrariedades e vili-  
pendios, dos reis Filippes d'ominosa memoria, entre nós  
para sempre execrandados n'esta data.

Eram pouquissimos, n'esse dia solemne, os reivindica-  
dores dos nossos fôros e regalias, como povo por nature-  
za fadado para livre e independente: e eram numerosos  
e numerosos os sustentaculos da monarchia avassalladora,  
que os nossos tinham d'acommetter e debellar a todo o  
transe.

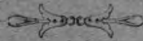


Mas por graça esplendorosa da *Providencia*, que nunca desampara os que têm fome e sede de justiça, foram os portuguezes os vencedores e os servos da monarchia hispana os vencidos, — em accôrdo com o disticho sentencioso de CAMÕES nos *Lusiadas*, (CANT. III. EST. LXXXII):

« . . . . . em casos tam estranhos, claramente  
mais pelega o favor de Deus, que a gente ».

Braga, 1896.

O DECANO DO LYCEU, PEREIRA-CALDAS.



**R**EMEMORANDO, como portuguezes, os feitos d'esses heroes valentes, cujos nomes as gerações bemdizem, exalçamos louvavelmente as nossas glorias patrias que nos offerecem, e ao mundo inteiro, exemplos admiraveis de bravura, abnegação e patriotismo, e colhemos ensinamentos ponderosissimos para a manutenção da independencia nacional, que muito convem radicar no coração da mocidade estudiosa.

E', pois, digna de todo o elogio a briosa Academia bracarense que n'este dia se propõe despertar o proverbial civismo dos seus concidadãos, recordando-lhes, por uma fórma brilhante, o glorioso feito de 1640.

Jámais esta manifestação d'amor á nossa independencia poderia ser tida como um acinte á sympathica nação vizinha, grande tambem na sua historia e presentemente a braços com os horrores da guerra fratricida que sustenta na defeza dos sacratissimos direitos da sua integridade:

Não, não podem estas duas nações bellipotentes, geographicamente unidas, encontrar, na evocação do seu passado, pretextos para discordias mutuas.

Estimem-se, respeitem-se, confraternizem para os efeitos do seu progredimento, mas sempre sem prejuizo da nossa nacionalidade que nos cumpre manter, se necessario fôr, á custa das proprias vidas.

Hurrah pela independencia de Portugal!

Guimarães.

ALBANO BELLINO



## PORTUGAL NA AGONIA

Empobrecido, roto, exangue e definhado,  
 Por todos maltratado,  
 Vagueia, ao Occidente, um velho, um ancião,  
 De capa e de bordão;  
 A barba longa e branca e alvos, como arminho,  
 Ao vento, em desalinho,  
 Os cabellos de prata, ou neve sôbre o inverno...

Rosto triste, olhar terno,  
 Pelo oceano alonga a vista, já cansada,  
 A vêr se alguma armada  
 Vem de Goa, de Diu, Damão ou de Timor  
 Trazer-lhe algum valor,  
 Que o tire da miseria e livre da irrisão...  
 Mas ah!... espera em vão!...

Relembra a mocidade, envolta em aurea glória;  
 Recorda a sua historia,  
 As proezas d'outr'ora, os feitos d'outras eras,  
 Por terra e nas galeras,  
 Que transpunham o mar ignoto, innavegado,  
 E só então sulcado,  
 Aproando, além-mar, em terras bem distantes,  
 Desconhecidas antes...

E, vendo o seu presente, olhando o seu passado,  
 O velho, torturado,  
 Immerso em dôr profunda, em magoa, em desalento,  
 Em lucta o pensamento,  
 Sem esperança, triste e só, carpindo magoas,  
 Ali, junto das aguas,  
 Conhece-se perdido e proximo ao seu fim,  
 Suspira e diz assim:

«Tive filhos heroes, valentes, destemidos,  
 Soldados aguerridos,  
 Que me tornaram grande e pôderoso e nobre...  
 Fui rico, hoje sou pobre!...  
 Vinha da India o ouro e vinham do Brazil \*  
 Suas riquezas mil!  
 Rojavam-se a meus pés monarchas e nações,  
 Surprezos das acções  
 Que vinham, mais e mais, aviventar-me a chamma  
 De gloriosa fama.  
 Hoje são falsos, são traidor's, são renegados  
 Meus netos refalsados,  
 Vampiros de meu sangue e meus crueis algozes,  
 Assassinos ferozes!...  
 Agora, agonisante e só e moribundo,  
 Os nomes deixo ao mundo  
 D'um Gama, um Albuquerque, um Castro e um Cabral...  
 O meu... é — Portugal!»

Braga, 28 de Novembro de 1896.

AZEVEDO COUTINHO.

---

## A benemerita Companhia de Jesus e a revolução de 1640

---

Extracto d'um capitulo d'uma dissertação academica sobre a influencia dos jesuitas no movimento insurreccional da restauração da independencia portugueza.

### I

**E**M 1884, a proposito d'algumas palavras proferidas pelo notavel tribuno Emilio Castelar, no Congresso dos deputados hespanhoes, sobre a influencia dos jesuitas na revolução portugueza de 1640, suscitou-se uma interessante questão entre os fallecidos escriptores — Camillo Castello Branco e Oliveira Martins.

As palavras a que se allude são as seguintes: — «No soy partidario de los jesuitas ni participo de las supersticiones de los masones contra ellos; lo unico que me subleva la conciencia, cuando de los jesuitas hablo, es lo mucho que la Ordem contribuyo, ingrata! á la separacion de España y Portugal, traicion que jamás puede perdonarle España». (1)

Camillo Castello Branco, em um artigo cheio de erudição, publicado n'um dos numeros do «Primeiro de Janeiro» d'aquelle anno, esforçou-se por demonstrar, contra o seu illustre antagonista, que «não ha necessaria exactidão na conjectura superficialissima de que os jesuitas se encolhessem

---

(1) *El Globo* — jornal castelarista.



modesta e anonymamente atraz das capas dos quarenta fidalgos sublevados no dia um de Dezembro de 1640». (1)

Para conseguir este fim, recortou Camillo, na sua phrase original e portugueza de lei, a parte essencial ao assumpto em dois argumentos com as respectivas respostas, esforçando-se por demonstrar;

1.º — Que do facto dos jesuitas terem dito em 1640, que D. João IV era o Encoberto não se pôde concluir «que elles bateram a dominação castelhana». (2)

2.º — Que a circumstancia de ter rebentado a revolução anti-castelhana de 1637 em Evora, cuja Universidade, assim como a de Coimbra, pertencia aos jesuitas, nada prova a favor da interferencia dos jesuitas na questão da restauração, antes «subordinar o motim de Evora a suggestões jesuíticas de um *novo imperio* é descaracterisar a triste seriedade d'esse acto». (3)

As provas que Camillo adduz para basear a primeira affirmação reduzem-se ao seguinte :

1.º — Que a «Dedução Chronologica» e as «Epanaphoras» obras que Oliveira Martins cita em abôno da sua these, (4) são «auctoridades de quilate *insignificantissimas*».

2.º — Que nem o Padre Antonio Vieira, nem os prégadores jesuitas d'aquelle tempo, tirante um exemplo de coragem de um frade franciscano, ousariam vociferar contra o *governo intruso*, porque sabiam aquella velha historia do mar não produzir pescado em quanto as vagas vomitavam ás ribas de *Pedrouços* e de Belem cadaveres de frades estrangulados pelos castelhanos e alijados da Cabeça-Secca.

3.º — Que não temos necessidade de subordinar factos relevantissimos do seculo XVII ao *Sebastianismo*, uma idiotia

(1) Vid. Bohemia do Espirito, pag. 31, onde vem publicado o artigo em questão.

(2) Palavras de Oliveira Martins, na Bohemia pag. 40.

(3) Ob. cit. pag. 48.

(4) O. Martins sustenta que a nação portugueza foi restaurada e elevada á independencia politica pela Companhia de Jesus. (Vid. Historia de Portugal — Lisboa, 1879, vol. 2.º pag. 81.)

---

que devia fazer rir a gente séria d'esse seculo, e que nenhum historiographo, antes da repulsiva «Dedução Chronologica», engravou na historia como força influente da restauração da Patria.

Os argumentos apresentados para impugnar a segunda affirmação de O. Martins cifram-se em considerações tendentes a demonstrar que a revolução de Evora não foi provocada nem alimentada pelos jesuitas, porque «não se viram n'essa sublevação os fidalgos nem seus filhos educados na Universidade dos jesuitas, nem d'entre as massas sahiram outros caudilhos além de Sisinando e Barradas.»

Pretende ainda Camillo C. Branco tirar argumento em favor da sua opinião do facto, aliás verdadeiro, de D. João IV mostrar um certo resentimento contra a Companhia, como se pode vêr da «Carta régia de 9 de Dezembro de 1644.»

## II

Se este estudo de investigação historica não fosse destinado a vêr a luz da publicidade nas acanhadas columnas d'um jornal, que por sua índole e feição propria não é de natureza a comportar longas exposições, transcreveríamos para aqui a analyse critica que fizemos de cada um d'estes argumentos, e não só d'estes como tambem da pretendida affirmação de que o Padre Antonio Vieira foi estranho ao movimento insurreccional de 1640, porque, n'esta epocha, estava elle no Brazil ao serviço da Companhia, de que era dignissimo e prestigioso membro.

Assim, bem a nosso pesar, limitar-nos-hemos a adduzir alguns factos historicos de authenticidade inconcussa, os quaes provam até á evidencia que a Companhia teve effectivamente um papel preponderante na revolução de 1640.

Respiguemos nas fontes respectivas alguns d'esses factos.

No livro 1.º do vol. 1.º do «Portugal Restaurado» conta-se que pregando, um dia, na Capella do rei Philippe, o P.º Luiz Alvares, da Companhia de Jesus, se voltára para El-rei

e com grande energia lhe recitara este texto, que tinha extrahido do Evangelho do dia — «Philippe, qui videt me, videt et Patrem.» — E ajustou ao thema um discurso eloquentissimo, mostrando que a representação era um direito que preferia a todo o outro, e que aquelle que o offendia, tyrannisava a Justiça. Bem conhecia El-rei que fallava a favor da Casa de Bragança, mas valeu-se da sua prudencia para o dissimular. <sup>(1)</sup>

Refere o mesmo auctor que n'outra occasião prégava o mesmo religioso o evangelho do paralytico, em presença do cardeal Alberto, e, tomando para thema do seu discurso as palavras — «*Surge, tolle grabatum tuum et ambula,*» voltou-se para o Cardeal e disse: — «Serenissimo principe, querem dizer estas palavras: Levantae-vos depressa, tomae o vosso fato, e ide para vossa casa.» <sup>(2)</sup>

Estes dois factos que a critica historica não pode pôr em duvida, porque são d'uma authenticidade irrefragavel, provam que a Companhia nunca perdeu o ensejo de alimentar no espirito do povo a esperança da independencia, valendo-se para isso do exercicio do magisterio sagrado, que as leis fundamentaes do paiz lhe garantiam e asseguravam.

O proprio auctor do «Portugal Restaurado» insina que o monarcha castelhano se inquietava seriamente com a guerra que os jesuitas lhe faziam no pulpito, e por isso mandou castigar alguns religiosos, como consta dos documentos da epocha.

O nosso Camillo, de saudosa memoria, pondo em jogo os extraordinarios recursos da sua intelligencia, e da sua assombrosa erudição, esforçou-se por estabelecer que a famosa lenda do *Encoberto* em nada concorreu para o levantamento do espirito publico, predispondo-o para o glorioso feito da emancipação da Patria. <sup>(3)</sup>

Porem nós, perfilhando as judiciosas razões do nosso

(1) O illustre jesuita prégava na festa de S. Philippe-apostolo. (Vide «P. Rest.»)

(2) Ob. cit., log. cit.

(3) Vid. «Bohemia», pag. 45 e 46.

Camillo

illustre amigo — snr. dr. Fortunato de Almeida — <sup>(1)</sup>, concordamos em que, se a lenda não podia resistir ao ridículo que a caracterisava, em circumstancias normaes, comtudo devia ter exercido uma benefica e efficaz influencia na formação da consciencia revolucionaria d'uma epocha em que o paiz estava opprimido e vexado pelo jugo despotico d'uma nação estrangeira.

Ora certamente ninguem dirá que a sábia e prudente Companhia acreditava na veracidade d'um mytho grosseiro, sahido provavelmente da imaginação esquentada e patriotica dos celebrados sapateiros — Bandarra e Simão Gomes.

Diz o snr. dr. Fortunato de Almeida: — «Os proprios padres da Companhia, ao menos a sua maior parte, reconheciam a inanidade das prophcias; mas nem por isso deixavam de as alimentar no povo, para que estivesse sempre vivo o desejo da liberdade... etc.» <sup>(2)</sup>

A «Dedução» confirma isto mesmo, quando diz que no Collegio de Gouveia se encontrou um exemplar do tomo ou summa do sebastianismo jesuita, intitulado — *O Jardim Ameno*, — onde, a proposito da Monarchia Lusitana, do Imperio de Christo, e da duração do Reino de Portugal, se divulgava e inculcava a lenda do sebastianismo, como uma prophcia que havia de ter a sua realisação n'uma epocha relativamente curta. <sup>(3)</sup>

Mas ha outras provas de maior valor, se é possivel.

D. Francisco Manuel, na «Epanaphora Politica,» <sup>(4)</sup> observa que os padres da Companhia, pelo prestigio e influencia de que gosavam, arrastaram, atraz de si as multidões; e o snr. dr. Fortunato de Almeida accrescenta — «os dominicanos tambem se não poupavam na propaganda contra Castella... etc.» <sup>(5)</sup>

A veracidade d'este facto resalta d'um pamphleto cele-

(1) Vid. «Revista Contemporanea» — Anno I.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 2.

(2) Ob. cit., log. cit.

(3) Vid. «Deduç. Chron.» Li. I.

(4) 1 pag. 35.

(5) Ob. cit., pag. 59.



bre, publicado n'aquelle tempo, e attribuido a Fr. José Teixeira. N'esse opusculo, intitulado — *Fora Velhaco* — citam-se trechos de sermões em que o governo hespanhol é violentamente accusado e até injuriado.

Ha ainda uma carta expedida pela princeza Margarida, em 2 de Dezembro de 1637, a todos os Bispos e prelados maiores das ordens religiosas, pela qual se vê que os religiosos e os ecclesiasticos representaram o principal papel na indisposição dos animos contra o jugo estrangeiro, e eram os promotores dos tumultos e revoltas que, para esse fim, se levantaram. (1)

E' curiosissima e muito interessante a leitura d'essa epistola, porque mostra o estado de excitação em que se encontravam os espiritos n'uma epocha ainda relativamente afastada do memoravel dia de 1640:

Ha uma passagem n'esse documento que merece ser reproduzida aqui, ao menos d'um modo synthetico, visto não haver espago para mais.

São as palavras relativas à recusa, por parte dos tribunaes ecclesiasticos, de castigarem os individuos implicados na sedição; insinuando que, se os prelados não cumprissem o seu dever, as pessoas ecclesiasticas, a exemplo do que, em varias epochas, fizeram os principes christãos, seriam punidas severamente, para manutenção e segurança da republica que não pôde subsistir, ficando dependente dos tribunaes ecclesiasticos».

Esta admoestação produziu resultados contraproducentes, porque, se até ali se faziam, no pulpito, allusões, mais ou menos manifestas, à marcha dos negocios politicos, d'ora ávante nunca se perdeu qualquer occasião de despertar e excitar os sentimentos patrioticos das multidões, em ordem ao fim almejado, e depois tão brilhantemente conseguido.

Do estrangeiro tambem vinham incentivos e alentos, auxiliando quanto podiam alguns frades que para lá tinham emigrado, o movimentô que se ia operando no paiz.

(1) Vid. *Deduc. Chron.* pag. 176 e 177.

Um d'elles foi o franciscano Diogo Soares, homem de grande reputação em Paris, e lá conhecido pelo nome de *cordilier portugais*.

Outro, o padre José Teixeira que foi capellão de Henrique IV.

E ainda outros que seria fastidioso estar a enumerar aqui.

Todos elles dispozeram por forma tal a opinião publica de França a favor da nossa independencia que, apenas rebentou a revolução, muitos voluntarios francezes vieram alistar-se nas fileiras portuguezas.

O proprio Cardeal Richelieu mandou a Lisboa diversos emissarios para animar o movimento revolucionario. (1)

De tudo isto se conclue que cabe ao clero e principalmente à Companhia de Jesus o principal papel no movimento insurreccional de 1640; e que portanto é necessario adjudicar aos jesuitas «a portentosa empreza de emancipar o reino do jugo de Hespanha».

### III

Ahí ficam esses ligeiros apontamentos que podem servir para a reconstituição historica da influencia que a Companhia de Jesus exerceu na formação da mentalidade portugueza, e que podem ser adduzidos como prova do muito que os jesuitas contribuíram para a felicidade d'uma nação que agora, na sua maior parte, lhes paga tão grande serviço calunniando-os, perseguindo-os e votando-lhes um odio, que só uma degenerescencia de raça pôde explicar.

Coimbra, 27 de Novembro de 1896.

P.<sup>o</sup> AUGUSTO SANTOS.

aluno do 4.<sup>o</sup> anno da faculdade de Theologia.

(1) Vid. *Les portugais en France*, pag. 50 e 125. — Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana* — vol. II.

---

## PASSADO ... PRESENTE E FUTURO

À ACADEMIA DE BRAGA

---

**E**M 1640 um punhado de portuguezes praticaram um feito heroico que surprehendeu uma nação inteira!...

Em 1895 e em circumstancias mais extraordinarias ainda, alguns portuguezes com Mousinho á sua frente, praticaram outro feito d'armas que surprehende o mundo!...

Em 1897 não sei o que acontecerá... mas succeda o que succeder, os portuguezes serão sempre uns bravos, e cada vez me venço mais d'isto.

Guimarães 28-11-96.

A. INFANTE.

---

## ESTUDANTES E HESPAÑHOLAS

---

**O**s feitos celebrar d'almas gigantes,  
a Gloria, a Fama, os vultos exaltar,  
este dia festivo consagrar,  
nos homens immortaes, da Patria amantes;

---

A grandeza, o valor d'éras distantes,  
devemos, portuguezes festejar,  
n'uma tribuna os Grandes collocar,  
ó almas juvenis, ó estudantes!

Mas não deixeis, ó vós, ó mocidade!  
de sempre relembrar a heroicidade,  
que a todos, hoje e sempre, nos consola.

Eú sei d'um estudante, (está na America),  
que é partidario da *união-iberica*,  
por causa dos olhar's d'uma hespanhola...

Novembro, XXIX

ALBERTO DE MADUREIRA.



## CONFRONTANDO

COMO os tempos mudam e como os homens degeneram!

Em 1640, n'um esforço supremo, heroico e quasi sobrenatural, proclamou-se, n'um momento de incendiario amor patrio, a independencia do nosso humilde e escravidado Portugal.

Mais tarde, duzentos e cincoenta e seis annos apenas, tudo mudou: crenças, homens e costumes!

Então... o resurgimento, a liberdade, a independencia nacional; hoje, o aniquilamento, a tyrannia e a de-



gradação; amanhã... quem sabe!... talvez a tutela estrangeira, a liquidação final.

Como os tempos mudam!...

Braga, 30—11—96.

BAPTISTA RIBEIRO.

## UMA DATA

São passados 256 annos desde que um punhado de bravos, sobre os escombros das glorias lusitanas anteriores, que a dominação dos Filippes fez esquecer entre os outros povos, veio afirmar mais uma vez a heroicidade dos habitadores d'este recanço occidental da Europa, levantando o pendão da nossa Independencia, recuperada ao fim de sessenta annos de submissão ao throno de Hespanha.

Duzentos cincoenta e seis annos, e, como se isto tivesse sido hontem, palpita ainda no coração de todos o mesmo sentimento patriotico e entusiastico que animou os heroes de 1640 no seu glorioso empreendimento! E que o feito surpreendente, commemorado no dia d'hoje, pertence ao numero de factos que, a darem-se na vida de um povo, nunca mais esquecem. O 1.º de Dezembro de 1640 não necessitaria, para passar á posteridade, descrever-se na Historia, porque, de um modo mais indelivel ainda, elle ficou gravado, em rutilos caracteres, nas paginas do grande livro da alma nacional.

---

## À ACADEMIA NO 1.º DE DEZEMBRO

---

SAUDAR a Patria, n'esta data gloriosa, no meio d'uma classe em que a alma não se deixou ainda eivar do vil egoismo, é retemperar o espirito desolado pela observação dos factos da vida publica portugueza.

Saudar a Patria, hoje, no meio d'esses jovens de sentimentos puros, nobres e generosos, é desvanecer no espirito o presagio fatal que os factos e a opinião geral suggerem.

Na verdade, a historia de todas as nações, mostra o papel distinctissimo que as academias têm desempenhado nos seus grandes acontecimentos politicos. E' de nossos dias a influencia das academias americanas, nas gloriosas transformações de liberdade d'aquelles grandes povos. As academias do Brazil, dos Estados-Unidos e de Cuba, dão-nos um exemplo frisante e animador na actualidade.

Como ellas, tem um logar fulgentissimo, na sua historia patria, a academia portugueza, a quem devemos em grande parte a nossa existencia autonómica ameaçada quer da tyrannia estrangeira, quer de chefes tyrannos.

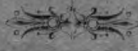
Por isso, alentando no meio d'esses corações nobres a esperanza da nossa independencia por um esforço opportuno que evite a tutela estrangeira, que nada deixaria a desejar ao jugo dos Filippes, eu bradarei sempre com-vosco:

Viva a Patria!

Prado.

GASPAR MACEDO.

---



---

## NOTAS SOLTAS

---

JOÃO Pinto Ribeiro, com o titulo de *agente*, era o encarregado dos negocios da Casa de Bragança, em Lisboa. Era professor de Direito Civil, homem muito erudito, que nos deixou importantes escriptos.

\*

\* \*

Foi Pedro de Mendonça, Alcaide-mór e Senhor de Mourão, o encarregado de offerrecer o reino ao Duque de Bragança; levava já uma extensa relação dos que adheriam á causa da Restauração.

Quando elle chegou a Villa Viçosa, andava o Duque caçando na sua tapada. Depois de haver consultado sua esposa e o seu secretario particular, acccitou a corôa «*para a fazer respeitada de seus inimigos, e commum aos seus leaes vasallos*».

\*

\* \*

João Pinto Ribeiro foi o encarregado de ir a Villa Viçosa ajustar com o Duque o dia e fórma como se havia de executar empreza tão illustre.

\*

\* \*

Em a noite de domingo, 26 de Novembro, juntaram-se os fidalgos em casa de João Pinto Ribeiro, resolvendo que o dia da Restauração fosse o do sabbado seguinte, 1.º de Dezembro de 1640.

\*

\* \*

Segundo o Conde da Ericeira, no seu *Portugal Restaurado*, foram 40 os fidalgões confederados, e todos elles se confessaram e commungaram na sexta-feira, vespera do grande dia, implorando o auxilio de Deus, para lhes assegurar a empreza, em que não entrava vingança, senão a justiça.

\*

\* \*

Dignas de toda a admiração se tornam as duas heroínas D. Filippa de Vilhena, Condessa de Athougia, e D. Marianna de Lencastre, que, com animo varonil, por si armaram seus filhos para a lucta, exhortando-os a emprenderem acção tão gloriosa.

\*

\* \*

Foi o venerando ancião D. Miguel d'Almeida que, na sala dos Tudescos, disparou uma pistola, signal convencionado entre os verdadeiros portuguezes; e ainda foi elle o primeiro que, no Paço Real, com a espada na mão, não obstante os seus quasi 80 annos, disse, gritando: «*Valerosos Portuguezes, viva El-rei D. João IV, até agora Duque de Bragança, viva! Morram os traidores, que nos arrebataram a liberdade!*» E estas mesmas palavras repetiu do alto das varandas do Paço.

\*

\* \*

Foi na chamada *Casa da Índia*, dentro d'um armario de papeis, que o traidor Miguel de Vasconcellos foi



---

morto com um tiro de pistola, disparado por D. António Tello.

\*

\* \*

Foi a irmandade da Misericórdia de Lisboa que mandou sepultar o cadaver de Miguel de Vasconcellos.

\*

\* \*

Na occasião da suspirada revolta, a Duqueza de Mantua estava na chamada *Casa da Galé*.

\*

\* \*

El-Rei D. João IV entrou em Lisboa seis dias depois da sua aclamação; foi recebido com indiscriptiveis demonstrações, de regosijo, a ponto de um *fidalgo castelhano* exclamar: «*Es possible que se quita un reyno a El-Rey D. Philippe com solas luminarias y vivas, sin mas exercito, ni poder? Gran señal y exeto, sin duda, del brazo omnipotente de Dios.*» (1)

Braga, Dezembro de 1896.

P.º ROBERTO MACIEL.

---

(1) Birago — *Hist. de Port.*, liv. 2, pag. 206.



## EXEMPLO

TEM primado sempre a Academia de Braga em tomar parte activa e mui distincta em todas as manifestações de rego-sijo ou dôr, em que vibre o amor patrio, e estas suas honrosas tradições, consagradas pelas gerações academicas anteriores, não as quer a Academia de hoje deixar obliteradas e interrompidas, com não commemorar, como aquellas desde muito sempre o têm feito, o gloriosissimo anniversario de um dos mais estupendos e memoraveis feitos da historia moderna, a «Revolução do 1.º de Dezembro de 1640».

Bem haja ella por isso, que em tal modo, ao mesmo tempo que presta homenagem aos heroes da assombrosa facanha, acrisola em si e incita nos outros, com a recordação d'ella, o amor patrio que no dizer eloquente de Cicero deve ser o primeiro e o maior de todos os amores, pois que, consubstanciação de todos, sem patria e sem amor por esta, nenhum dos outros pôde ter existencia, que não seja ephemera e precaria.

E se mister ha sempre, para que um povo possa continuar a ter direito á existencia e autonomia, que o amor patrio lhe corra com o sangue nas arterias, e lhe avivente e robusteça este, dando-lhe vigor e brios para cumprimento da missão que lhe cabe desempenhar na face do mundo, e na ordem natural das cousas, mais do que nunca preciso se torna que assim seja nas horas da desgraça e dos perigos, em que todas as dedicações patrioticas são necessarias e imprescindiveis, para que a tempestade e cataclysmos iminentes se possam conjurar, e o corpo do estado combalido e arruinado possa revivescer.

E o momento presente, infelizmente, é para nós tal!

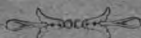
Bebamós, pois, todos o alento de que tanto precisamos para continuar a ser um povo independente e brioso, na memoria e celebração dos fastos radiantes do nosso immorredouro passado, e no amor patrio de que a Academia de Braga nos dá o mais significativo testemunho commemorando

---

um dos mais peregrinos successos d'esses fastos, não em revindicta e menoscabo contra a Hespanha, hoje nossa irmã, mas como consagração da nossa independencia e estímulo para tudo lhe sacrificarmos.

Barcellos, 27 de Novembro de 1896.

RODRIGO VELLOSO.



## A' MOCIDADE

---

**Q**UE querem vocês fazer?  
Tomar Cuba — a Grande Antilha? —  
Ora, adeus! Quem dera vêr,  
O enrolar da mantilha!

V. NOVAES.



